



O Gaiato

25 DE JANEIRO DE 1969

ANO XXV — N.º 649 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

LOURENÇO MARQUES

Muitas pessoas perguntam quantos rapazes já são em nossa Casa. Por enquanto, vinte e cinco e brevemente mais três: Dois, filhos daquela que trabalha num «cabaret» da baixa. Um dos irmãos não pode vir, com muita pena nossa é dele, por deficiência mental. Não estamos preparados para o ensino especial e pelo andar da carruagem, muito tarde chegará aqui o progresso neste sector, de maneira a haver escolas e assistência psiquiátrica para eles.

Normalmente os males latentes só se atacam em fases de crise. Nós temos de aceitar que o alcoolismo na população de côr e o desregramento sexual que campeia por aí, estão a dar os seus frutos. A psicologia indígena está profundamente afectada por um e outro mal. A bebida que eles próprios fabricam, quer de frutos, quer de milho, é excessivamente graduada e por vezes deixa-os etilizados durante vários dias. Passado o Ano Novo, dia tradicional de folia, um dos nossos melhores operários apareceu, à hora de pegar no trabalho, dizendo ao nosso Quim, seu encarregado: — Eh patrão eu hoje estou bêbado, não aguento trabalhar. E foi-se. Alguns deles, hoje, dia nove, ainda não apareceram porque a bebida não acabou. Ouve-se dizer que não foi sempre assim. Que foi o branco que ensinou. Se sim, temos uma grave responsabilidade. E fosse

ou não, temos sobretudo de fazê-los compreender, o que é difícil, quanto mal daí vem e provar-lhes, com o exemplo, como a sobriedade dignifica, o que é mais difícil ainda.

Quanto ao segundo mal as raízes são tão antigas como o homem, agravado o problema, por um grande desequilíbrio numérico entre a população masculina e feminina já pela emigração de côr para a África do Sul, já pela imigração europeia predominantemente masculina. Corre grave risco a união

As nossas edições

«A Porta Aberta»

Reparem como, na vanguarda, o nosso Padre Manuel António ferve em cachão!:

«Olha, o pacote de livros «A Porta Aberta» voou já todo pelos vendedores e não chegou a nada, mesmo a nada! Júlio, manda uma grande remessa. O povo pede aos vendedores do Jornal que levem sem falta «A Porta Aberta». Eles trouxeram listas de interessados.»

Vamos mandar uma série maior para as gentes de Benguela e Lobito! Pulsam connosco. Querem saber como somos. E «A Porta Aberta» é um dos melhores compêndios, senão o melhor. Querem, sobretudo, aprender e amar o muito de novo — imbuído do Espírito da Família de Nazaré — que Pai Américo lançou entre nós, velhos de séculos — mas sempre atrazadinhos. Lembro, por exemplo, o espanto na cara de muito boa gente que, já há 20 anos, nos via à solta, sem vi-

Cont. na TERCEIRA página

Escrevemos na Festa da Sagrada Família, numa Obra que pretende ser uma Casa de família para os que não a têm, segundo o pensamento de Pai Américo. Como temos dito e repetido inúmeras vezes, sem famílias equilibradas e capazes não há possibilidades de termos uma sociedade próspera e feliz. Tudo aquilo que afecta aquela, condiciona a segunda. Daí o imperioso dever daqueles que estão investidos em autoridade de procurar proporcionar as condições mínimas indispensáveis para o desabrochar e o desenvolvimento da vida familiar. Condições materiais e morais, não bastando as primeiras para se processar o bem estar. Casas dignas, acolhedoras e atraentes;

Aqui, LISBOA

salários de forma a permitir a satisfação das necessidades elementares dos agregados familiares; acesso fácil à instrução e ao progresso; defesa dos valores espirituais e educativos, prevenindo a imoralidade e fomentando o respeito dos mais altos valores — eis, em linhas gerais, o caminho a percorrer.



UM ASPECTO DAS ANTIGAS INSTALAÇÕES DA CASA DO GAIATO DE LISBOA.

Mais de 90% dos «casos» que se situam intra-muros das nossas Casas são essencialmente consequência das normas morais, da inexistência ou do não funcionamento da vida familiar. Os exemplos da miséria material são ainda efeito do desregramento moral: abandono do lar, desinteligência, alcoolismo, sensualidade irresponsável, entregue às paixões e aos prazeres.

Continua na SEGUNDA página

A vida de família compreende muita paciência e espírito de sacrifício, exige respeito mútuo e humildade, supõe muito amor. Não basta, pois, assegurar o pão e o vestuário, ter casa digna e usufruir dos bens da civilização material. É absolutamente indispensável que se observem os exemplos da Sagrada Família, crescendo em sabedoria e em graça, pois, tudo o que seja regresso a Nazaré constitui, como escreveu Pai Américo, progresso social cristão.

Areias do Cavaco

Três casos. Três problemas postos com intervalo de poucas horas, que nos levaram a reflectir.

Primeiro: Mãe que veio da Ganda, acompanhada dos seus dois filhos. Ela, com ar de cansada, sinal de quem sofre de doença pulmonar. Os garotos, em idade escolar, um de 9 e outro de 13 anos. Vêm por aí abaixo. Não têm família nesta zona. Recolheram-se em casa de pessoa amiga, à espera de solução para o seu problema — : o abrigo dos filhos e internamento da mãe.

Entretanto, as aulas começam e os garotos ficam sem elas. Postos muitas vezes diante de problemas deste género, nem sempre podemos dar solução imediata porque somos limitados.

Situações semelhantes poderiam ser remediadas em parte, se cada terra tivesse o cuidado dos seus Pobres. Se esta mãe, em vez de vir, às cegas, com seus filhos, encontrasse na sua terra alguém que a ajudasse nos primeiros passos, sem sair dela, nem seus filhos perderiam a escola, nem ela e eles seriam peso a pessoas estranhas, nem corriam o risco de gastar em vão o dinheiro das viagens.

Entretanto, a mãe já está a tratar-se e os filhos também.

Outro caso: Nem sempre o mais fácil é o que mais convém. A solução dos problemas exige quase sempre muito sacrifício. E há obrigações primárias a que se não pode fugir.

Foi o caso de um garoto que ficou sem a mãe e o pai. É ainda pequenito. Tem uma irmã que muito lhe quer, mas a pretexto de que se vai casar, pretende internar o irmãozinho

Cont. na SEGUNDA página

Um belo aspecto da nossa «Aldeia» de Malanje: Casa-Mãe, Capela, Casa 3 e Escolas.



Passa de seis meses que viu a luz do dia a última Procição — tantos quantos demorei nas nossas Casas de África. Vim encontrar uma grossíssima pasta de correspondência aguardando despacho e um minguido fiozinho de donativos que nem o inverno logrou ainda tornar torrente.

E que falta nos faz! Fico-me a sonhar com um cheque inesperado vindo do cabo do mundo, que nos desse fôlego para respondermos um sim pronto e eficaz às multidoes que esperam de vós o telhado com que hão-de cobrir as suas casas!

O Património dos Pobres, ainda que sem aquele ritmo que há uma dúzia de anos conheceu, não parou. Há Párcos e Vicentinos com as mãos na massa, fiados naquela fatiazinha que daqui sempre tem ido — louvado seja Deus! Mas, ainda mais do que o Património, são os Pequenos Auxílios, esse outro ramo cheio de vitalidade que tem estimulado tantos chefes de família a dar o primeiro passo para saírem da condição de puros proletários!

Graças a Deus que o problema da habitação dos Pobres entrou já na consciência de muitos homens bons e de muitos cristãos iludidos, julgando que a sua religião se reduzia a um mero exercício ritual. Desta consciência, em caminho de uma maior generalização e aprofundamento, têm brotado movimentos vários, que procuram responder a necessidades bem gritantes. Porém, ainda neste ponto, é o campo o mais aban-

AGORA

donado, o último a ser atingido pelos mais poderosos desses movimentos. E, justamente, é a gente rural que constitui o forte da nossa clientela.

O alcance deste dar-de-mão nunca se encarece demasiadamente. Só quem não conheça a força estabilizadora de uma casa própria (duma casa, não de um casebre qualquer!) hesitará sobre a abundância de frutos que tão simples remédio proporciona. Basta notar a ansia primeira de quase todos os nossos emigrantes: poupar para uma casinha e seu quintal na sua aldeia, onde se sonha passar os últimos dias da vida, se esta não proporcionar mais cedo, meios que tal permitam.

O problema habitacional, nas aldeias, onde o terreno sempre é mais fácil de conseguir e as exigências urbanísticas mais módicas, bem poderia estar em bom caminho de solução com aquele aqui muito falado **tostão do Totobola**. Mas os homens não são simples. Por isso deixam inoperantes à beira do caminho meios eficazes e vão de longada em busca de outros, complicados de achar e de pôr em prática. É pena!

Pois não nos fiquemos em lamentos e que os nossos leitores (muitos mais e mais abundantemente) deem mãos à obra, à semelhança deste grupo, cujos componentes, quase todos desde há muitos anos, não passam um mês sem se **desobrigarem** deste dever social.

x x x

É o Sobrevivente do Casal R. D. com os seus 50\$ mensais. «Jorge e Berta» com o dobro sempre depositados no Espelho da Moda. O mesmo do assinante 6790. Maria, do «Pequeno Louvre», com 20\$.

Alguém, com 60\$ para aquela Campanha que esmoreceu bastante — e é pena! — dos 30.000x20\$=50 casas, campanha tão simples quanto eficaz que consistia nisto — permitam-me que a recorde para os que não sabem ou esqueceram: Se os 30.000 assinantes de «O Gaiato» ao pagarem a sua assinatura dessem mais 20\$ para o Património, somariam anualmente 600 contos que, à razão de 12 deles por casa, dava 50 delas. Claro que a matemática anda muito arredada destes cálculos! Mas, ainda assim, aquela quantia dar-nos-ia asas para muitos e proveitosos voos!

É a que pede «1 A. M. pela conversão de um chefe de Família», ainda movida pela ideia desta mesma campanha.

É a Odete, de Leiria, que fica em dia até Outubro de 1968 com os seus 20\$ mensais, tanto pró Património como pró Calvário.

E fecha este grupo de todos os meses, o Major «do Silêncio», com suas lembranças também para Ordins e Belém e mais «para o P.e Zé Maria e digam-lhe que sigo a sua obra na Província de Moçambique, por assim me ser facilitado pelo Famoso».

Aqui está uma boa achega aos preguiçosos que às vezes passam números e números sem escrever!

E ficamos hoje por aqui.

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

x x x

Ele foi ver a mãe aqui há tempos, que vive com um homem que não é seu pai. Encontrou alguns irmãos uterinos e outro moço da sua idade, filho do companheiro da sua progenitora. Regressou confuso, perguntando do inexistente grau de parentesco com o jovem referido. Os anos passam e as marcas avivam-se. Temos partilhado, no silêncio discreto e respeitoso, do drama deste nosso Rapaz e nele encontramos força para melhor o compreender e aceitar pacientemente algumas preocupações e dores de cabeça que nos tem proporcionado.

x x x

A epidemia dos piões já nos tem trazido alguns dissabores. Como recordar é viver, fica-nos o lenitivo, ao menos de nos situarmos no tempo da meninice.

Pelos vidros, azulejos, madeiras e mosaicos é que tememos, para lá dalguma cabeça a sangrar! O que não contávamos é que o «Frutas», mais o «Russo» e o «Olho Marinho», fossem cortar os cordeis dos fios de prumo dos pedreiros! O Chefe agiu e apreendeu os piões mas, ao entregá-los no nosso escritório, exclamou: «esse da marca é meu». Ora tomem lá os senhores, o Maioral, que vai dar o nome este mês, o nosso braço direito, também anda de pião no bolso! Isto cá para nós, da janela do nosso quarto, já o havíamos surpreendido a lançar o «seu» pião. Sorrimos e à mente ocorreu-nos a ideia de que tal só na Casa do Gaiato!

x x x

As obras caminham em frente. Todos podem acompanhá-las. Vem de passeio até nós. Verás o que as palavras não dizem.

Padre Luís



Cont. da PRIMEIRA página

familiar. Parece mesmo ter-se perdido entre os indígenas o conceito da honra feminina, ou até tomado por honra expor-se ao branco. Desgraçadamente há zonas na cidade, estou informado, onde o maior rendimento do agregado familiar vem daí.

Chegados a este ponto, estou a ver muitas pessoas encandiladas com o que exponho. É que precisamente as nossas aflições de padres da rua, têm nestes males a sua origem. E não podemos sofrer e calar. Aqui deixo a palavra de Pai Américo: «Por erros que ninguém quer admitir e culpas que ninguém confessa, vemo-nos hoje a braços com legiões de crianças abandonadas, as quais, naquele mesmo abandono em que as deixamos viver e crescer encontram meios seguros

LOURENÇO MARQUES

de aborrecer e odiar. De sorte que, porque hoje as não queres amar, serás amanhã aborrecido e odiado. Morres às mãos do teu egoísmo e arrastas na morte os que trabalham». Não assim aqueles que nos compreendem e se ajudam a si mesmos na purificação dos costumes e no levantar desta Obra. Nem aborrecidos nem odiados!

Padre José Maria



Desejava ter palavras que entrassem bem fundo no coração de todas as Mães, que vivem com todo o conforto, transmitindo esse mesmo conforto e bem estar a seus filhos, que se lembrassem um pouco de tantas crianças, semelhantes aos vossos filhos, mas que vivem na extrema miséria, com falta de roupas que as agasalhem. Bem, isto a propósito duma visita que fiz, casualmente, a casa de uma rapariga cá do lugar, que casou ainda não há dois anos, e que se encontra já com dois filhos. Os trapos em que os trazia embrulhados, nem para panos de esfrega serviam! Calculem, eram de estopa a desfazerem-se aos bocados. Que desconsolo para corpos tão delicados, como são os das crianças! Vim, pois, para casa, com o propósito de fazer aqui um apelo a favor destas crianças. Deve haver 4 anos que falei num caso semelhante a este, e em tão boa hora o fiz, que me enviaram tantas roupas, que chegaram para a contemplada e para outros que

também precisavam. Hoje encontro-me sem nada! Também precisava de um fato para homem alto. Este Pobre anda com duas muletas; está internado no Asilo dos Velhos em Penafiel graças a quem atendeu o nosso pedido. No entanto, é preciso vesti-lo e calçá-lo. De vez em quando dão-lhe licença para vir à terra, e sempre que cá vem, me aparece a pedir roupas. Dei-lhe hoje a última camisola interior e camisa que ainda tinha. Quanto ao fato, prometi-lho, claro, se algum dos leitores tiver a generosidade de mo mandar com esse destino. É certo que a quadra do Natal já passou; é nessa ocasião que os corações se sentem mais alegres, mais generosos, mais compreensivos para com o nosso semelhante, mas quem precisa, precisa. Por isso, eu confio em Deus, e espero. Aproveito para agradecer a todos os nossos Amigos, e tantos são, principalmente aos da primeira hora, todas as encomendas e palavras de carinho que tiveram para conosco, durante o ano que acabou. Desejo a todos os leitores do «Famoso», saúde, paz e graça de Deus, no novo Ano.

Maria Augusta

Visado pela

Comissão de Censura

Cont. da PRIMEIRA página

em casa de assistência. É o caminho mais fácil, sem dúvida. Por certo, para o garoto não é o que mais convém.

Ele, na falta dos pais, continua a precisar do carinho da família, onde tem vivido.

Na falta dos pais, se há um irmão ou irmã capaz, não devem fugir a esta obrigação, até ao limite das forças.

Pai Américo fez doutrina a este respeito. Quando o problema é apenas de ordem material, ajude-se a família ou pessoas de família, mas não se retirem os filhos de sua casa.

AREIAS DO CAVACO

Terceiro caso: Um telefonema. Outro telefonema. Esta mãe tem um filho de quem é muito amiga e de quem não se quer separar.

Mas precisa de ganhar o seu pão e vai servir. Pretende internar o seu filho e bate-nos à porta. Conversámos. O desejo dela era trabalhar e viver com o filho em sua casa, e

não ficar separada dele. Encorajámo-la nesse sentido. É um amparo para a mãe e precisa também do mesmo da parte dela. Não vá suceder que salvando o filho contribuamos para a desgraça da mãe, deixando-a livre, à mercê de quem quer.

Padre Manuel

★ BELEM ★

Hoje têm a palavra todos aqueles que se lembraram de nós, no Natal e Ano Novo.

Em primeiro lugar, o Benfeitor anónimo, de Lisboa, pois bem merece pela sua perseverante presença de todos os meses:

«Votos muito sinceros de um Natal feliz... Que Deus, durante o ano de 1969, que se aproxima, continue a proteger a Obra e a proporcionar os meios bastantes ao seu desenvolvimento.» «...Tenciono, se Deus assim o quiser, remeter-lhe, durante o mês de Janeiro, uma contribuição suplementar, respeitante aos velhos 10 por cento dos meus trabalhos extraordinários».

E Deus assim o quis, realmente, porque Deus nunca impede o Homem de realizar o bem, quando ele o deseja, de verdade:

«Tenho a alegria de juntar a importância de 700\$, a quota parte que lhe é devida, em resultado das gratificações recebidas no fim do ano».

«De todos os meus proventos, obtidos através dos meus trabalhos extraordinários, 10 por cento pertencem às Belenitas».

Se fossem todos a fazer as contas à maneira deste Senhor, de Lisboa, depressa levantaríamos à nossa casa o andar indispensável e faríamos outras ampliações e adaptações necessárias.

Segue-se Helena, também da Capital, com mil mensais e mais o que vem pelas Festas. E o Casal de Braga com a quota dobrada, para a consoada.

O total dos donativos entregues no Montepio Geral, para as Belenitas, foi de 5.520\$00, quantia que nos foi enviada pelo Senhor Padre Luís.

Ainda de Lisboa, 100 escudos de boa Amiga e 20 de F. A. Fernandes.

100 em vale, da Faniqueira, outro tanto da Figueira da Foz e metade de Elvas. Mais 100 da ass. 33745 e metade duma ass. de Coimbra. Outros 100 duma Professora de Serpa e uma lembrança de Julieta.

50 dos «Armazéns António das Águas», outro tanto de Carcavelos e de Luisa, de Lisboa. O dobro do Porto. Mais 50 da Amadora, em cumprimento de uma promessa.

500\$ de Maria Antonieta, com uma carta cheia de compreensão e amizade. Outro tanto duma Alice, do Porto, que marca presença muitas vezes. Maria da Glória, da mesma cidade, com 250. Lembrança de alguém que não deixou qualquer rasto. Maria Isabel, também amiga de todas as horas, com uma carta muita amiga, lá do Alentejo.

Da Inglaterra vieram as Boas Festas do Fernando Serra e Família, com uma nota enviada pela filha, para as Belenitas.

«O sobrevivente do Casal R. D.» entregou os seus donativos na «Casa Marques & Vieira».

Os Funcionários da Caixa de Previdência, de Viseu e os sócios da mesma cidade, têm-nos enviado as suas quotas através das Irmãs Valles.

Recebemos em casa 2.500\$ mais 500\$, mais 500\$, mais 200\$, mais 50\$ mensais, mais 100\$, mais 250\$, mais bolos e bola-

chas. De fora vieram alguns pacotes de roupas.

A «Companhia Nacional de Electricidade» destinou-nos um subsídio de 1.000\$00.

O Governo Civil de Viseu atribuiu-nos o costumado subsídio de 10 contos.

A Comissão Municipal de Assistência contemplou-nos com 3 contos e meio.

E que nos perdoem os leitores, se algo ficou por mencionar, pois quase citámos de memória, para que este ainda chegue a tempo do próximo Jornal.

Bem hajam, pois, e muitas felicidades, no ano começado.

Inês — Belém — Viseu

Temos uma notícia feliz a dar a todos os amigos da Obra: — Começamos a viver no nosso Lar Novo. Ocupámo-lo no dia do S.mo Nome de Jesus.

Ele não está pronto, mas dá para nos abrigar à vontade e com largueza na parte do seu seio já acabada.

Tinhamos um a impetuosa ânsia de ir saborear um fruto que tanto nos custou.

A sala de leitura dos rapazes, que será também a sua sala recolhida; a sala de repouso e alimento espiritual adapta-se a sala de estudo. Os quartos e banheiros estão prontos. O refeitório e a cozinha e dispensa e sala de costura vão-se acabando e nós vamos já gozando.



São vinte e um os rapazes que lá estão. O Lar tem capacidade para sessenta.

É Obra deles! Todo o trabalho de carpintaria foi executado por eles. Todo o assentamento dos tacos esteve a cargo do Barbosa. As pinturas e caiações, de um grupo deles. Toda a serventia foi deles. A maior parte do trabalho de pedreiro, de ladrilhador e canalizador é fruto da dedicação dos rapazes. As últimas semanas foram de serão quase diário.

Quero pedir aos Setubalenses que nos venham ver. Que entrem por aquele Lar que estes

Continua na QUARTA página

Cont. da PRIMEIRA página

As nossas edições

«A PORTA ABERTA»

gilante nem preceptor, de «Galato» nas mãos e fogo no coração. Maior não era e não é, infelizmente, ainda, o espanto de quem vem, com os olhos da alma, até nós pela primeira vez, ao deparar com as nossas portas abertas — «A Porta Aberta» — no fundo da avenida. E mais. E mais.

Vão seguir mais livros pra Benguela. Vamos matar a sede acalorada na alma daquela gente!

Os pedidos, aqui, de «A Porta Aberta», são todos os

dias. São correios suculentos. Pujantes de Vida. Adoramos este contacto directo. E diálogo salutar. São trocas sem mercantilismo. Um compartilhar de Vida que define características próprias da nossa vida. E de todas as edições com a marca inconfundível de Pai Américo. Só possível entre nós; com a franqueza simples e sem rodeios que é marca de todos e do ass. 682 — um dos primeiros!

«Bons Amigos

É meu costume remeter-lhes cinquenta escudos por cada livro com que têm tido a amabilidade de me presentear, mas este, pelo seu aspecto especialmente, porque a doutrina nele contida continua com o mesmo extraordinário valor porque da mesma origem dos anteriores, merece bastante mais e por isso resolvi dobrar aquela importância e, por isso, aqui estou a remeter-lhes cem escudos para pagar o papel, impressão e o trabalho de encadernar, já que o seu conteúdo não pode ser pago materialmente».

Foi há dias. Travámos diálogo com dois gerentes e mentores de importante Editorial. Homens novos, cheios de ideias concretizadas, que se completam — cada um no seu lugar. Puxaram, puxaram. Quiseram saber de nós muita coisa. Edições publicadas, tiragens, reacção do público, etc. etc. Tudo quanto é dado à sua «deformação profissional». Quando indicámos números de tiragens (7.500 em cada obra de Pai Américo) e obras esgotadas e que o nosso único veículo de mensagem — grande veículo! — é «O Galato», ficaram estupefactos. Em comum, quase se confundiram, exclamando: — «São autênticos best-sellers!»

Não temos peneiras. Nem vogamos ao sabor da terminologia da moda. Mas guardámos com evidente interesse uma outra colheita daqueles dois homens: a estranheza — que foi sempre nossa, também — pelo silêncio do grande mundo

dos profissionais das letras em relação à prosa inconfundível — e de Mestre — de Pai Américo. Verdade tanto maior, por sua pena ser espelho da alma. E haver recomendado isso mesmo a todos quantos se debruçam sobre o «Famoso» — escrever como quem reza.

Temos, na frente, o excerto de carta dum leitor do Porto que, além de elogios e catanadas justificáveis, se atreve a frizar que «o nosso Governo devia editar essa obra («A Porta Aberta») em milhões de exemplares para serem espalhados e distribuídos gratuitamente por todas as terras de Portugal d'aquele e d'álem mar, para que a sua doutrina pudesse frutificar para bem de todos». Não estranhemos a hipérbole! É o desejo de um Português, de um Cristão. Só possível em corações ardentes de mais e mais.

O correio que ainda temos sob os olhos, mais o rol que Manuel Rosas acaba de aviar no ficheiro, dão pano para mangas! O «Famoso», porém, é tão pequeno que vamos já parar. Não sem deixar de recomendar a todos que ainda há muitos «A Porta Aberta» na estante. E que podem solicitar quantos desejarem. Até mesmo em quantidade. Como aquele nosso leitor de Braga que, cheio de fogo, requisitou 20 e já os despachou entre Amigos. Este Homem é d'agora. É Homem de Acção. Não contente consigo vai em procura dos outros. Semeia. E o Senhor aduba. Mas a colheita é com Ele. Assim, sim. Venham mais e mais. Nem que seja preciso arregaçar as mangas com este frio!

Júlio Mendes



OS FILHOS DO QUIM «CARPINTEIRO», DA NOSSA CASA DE LOURENÇO MARQUES.

NETOS DA OBRA



O PRIMEIRO REBENTO DO ALBERTO «RESENDE»



A FILHA DO ZÉ GOMES



Como todos os anos o nosso Natal foi centrado na sala de jantar, na Capela e no salão de festas. Nós somos uma família cristã. Não sabemos se foi um dia maior que os outros, mas foi um dia muito grande. Procurámos preparar o Natal para que fosse festa para o corpo e para a alma. Para que os nossos Rapazes se não alheiem do que são: filhos de Deus. Compostos de corpo e alma e animados pela Graça. E neste sentido lhes foi posta a mesa na sala de jantar e no altar; e eles quiseram organizar a festa da tarde que depois apresentaram e saborearam.

Da parte de muitos amigos houve participação. Muitos vieram dias antes; outros só nas vésperas; e alguns no próprio dia. Foi um Natal mais mimoso do que os anteriores. O Menino Jesus de nossa Casa recebeu muito mais presentes. Até a Maria Teresa, da Casa do Castelo, achou diferença quando na véspera me disse: «Tome lá, este ano o Natal está muito melhor.»

Vamos saborear o primeiro presente de longe: Um dos nossos que vive em Tete mandou a sua participação para as obras e agora o presente de Natal; outro nosso que vive em Londres manda uma nota inglesa; outro que vive perto de Lisboa, oferece trinta para as obras; cem, mais cento e cinquenta pela

TRIBUNA de Coimbra

nossa Casa de Paço de Sousa; quinhentos de dólares vindos de velha Amiga da Califórnia; uma libra em ouro nos peditórios de Tomar; um cheque de mil e mais cem de Castelo Branco; cinquenta em vale e roupas do Porto, por alma do marido; cinquenta e mais vinte da Figueira, muitos mimos e roupas e retalhos do Avelar. Pelo carinho com que tudo foi dado ficámos com o sabor de que não teremos de comprar mais calças e casacos. Cem da S. N. de Sabões e quinhentos do Grémio dos I. de Arroz, de Lisboa; cem de Vilar Formoso; um anónimo da Lousã com setenta; cinco mil para as obras e boróinhas do Natal e quinhentos na Missa da meia-noite de vizinhos de Miranda do Corvo; cinquenta do Luso; cem de Taveiro.

E agora os de mais perto e os vizinhos. Coimbra esteve muito presente: quinhentos «para a mensalidade de um gaiato. Peço que na Missa se lembre de meus

filhos. Deus sabe quem eu sou. Obrigado.» Pela fé e pelo amor parece ser um bom Pai. Cem em acção de graças; os mimos do Triunfo; a lembrança da Auto-Industrial que nos recebe sempre generosamente na sua estação de serviço; cem mais cento e vinte na Casa de Saúde; quinhentos levados ao Lar para uma telha; cem dum licenciado; um Professor universitário que também este ano veio com dois grandes caixotes de maçãs que foram a delícia da sobremesa.

Para uns instantes, ergue as mãos e humilha-te para entenderes esta carta: «Peço desculpa da minha humilde dádiva, mas a doença não me permite dar mais, junto envio 20\$00 para o Calvário, e que o Natal e Ano Novo seja para todos vós de Amor e Bênçãos de Deus.»

Agradecia uma oração pela saúde de meu marido e minhas melhores, conforme for da vontade do Senhor.»

Cem em roupas e a visita de Senhora vizinha; cem de casal visitante; mil em acção de graças pelos bons resultados de dois estudantes; trinta mais trinta de migalhas de renúncias; quinhentos dum sacerdote; cento e vinte, mais cinquenta de promessa; duzentos e brinquedos dos filhos e sapatos de casamento no seu sétimo aniversário; mil na Bênção de sua casa; cinquenta mais cem pelo Pároco de Santa Cruz; quinhentos e bolas e rebuçados no seu armazém; quatrocentos e cinquenta à porta dos C. T. T.; uma peça da S. de Fazendas; mil dum sacerdote e cem francos de outro. Ambos querem ter o sentido verdadeiro dos bens materiais: o bem da comunidade.

Cem à mão, vinte do mesmo modo; mil e quarenta dum grupo de cursistas e trezentos de outro; quinhentos e vinte de quatro irmãos Amigos do Gaiato. Que boa mãe deve ser esta que tão discretamente procura vir tantas vezes! Mil dum rifa organizada pela Senhora que tem sido boa mãe dos nossos estudantes; cem por alma do marido; cinquenta em carta; cento e cinquenta dos Armazéns Lousada; mil e os bolos-rei e a visita do Amigo da primeira hora; duzentos e cinquenta de Senhora de todas as festas; mil por alma de seus familiares; duzentos, e três grandes bacalhaus; muitos saquinhos de batatas e mercearia e bolos levados por universitárias; vinte «da Luzia (criada de servir)»; duzentos e cinquenta de casal que foi ver as obras; cem «duma pecadora»; materiais da fábrica de curtumes; brinquedos; roupas, mercearia e calçado levados ao Lar; 18 cobertas de quem nunca se esquece.

Um dos nossos com um bolorei do tamanho dum roda de carro e garrafas de vinho do Porto. Foi tão grande alegria à mesa que a louça ia estalando; 200 pratos e 200 tijelas de Souzelas; cem entregues por amigo a outro amigo; vinte de B. F.; um dos nossos que saiu há nove

anos e veio passar o Natal e deixou quinhentos; figos secos dum armazém; conservas de outro; rebuçados dum loja; brinquedos do B. do Porto; cento e cinquenta, mais cem, mais cinquenta na rua; cinquenta numa pastelaria; quatrocentos e roupas e sapatos levados ao Lar por doutor amigo de sempre; duzentos de Nini, Necas, Ziza e Isabel.

E agora na Casa do Castelo: cem, mais cinquenta, mais embrulhos, mais quinhentos das Amiguitas Maria Helena e Maria Isabel, mais cem para as boróinhas, mais cem, mais quinhentos, mais embrulhos, mais bolos-rei, mais duzentos, mais cem,

mais cem, mais cem, mais esta carta com dois mil; «Aqui estou a marcar presença com um bolorei que, por achar pouco, passei para dois e também com uma pequena migalha para a obra da Casa que o traz tão aflito.

Que Deus o ajude, porque Ele nunca nos falta, desde que saibamos esperar com Fé e Confiança. Não foi assim que Pai Américo começou?

Espero voltar logo que me seja possível com outra migalha e também com muita amizade.»

Só para nos deliciarmos espiritualmente com uma carta destas valeu a pena a Obra da Rua que celebra mais um ano.

Padre Horácio

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

Natal. — Que vos tenha sido feliz. E que o novo ano vos traga uma vida cheia de prosperidades, são os votos sinceros da nossa Comunidade.

O nosso Natal, não foi como os demais. Houve alegria intensa! A ausência de seis meses do nosso querido Padre Carlos, terminou com o regresso. Foi a melhor prenda que trouxe a cento e oitenta filhos — a sua presença. Muitos sorrisos e abraços repetidos por todos, e para todos.

Presépio — Estavam tão lindos! Eram de uma beleza simples e encerravam grande significado. Estavam tão bem arranjados, que não posso dizer qual deles mereceria o prémio do passeio, que se dá aos rapazes que se esforçam por ele.

A Nossa sala. — Agora o tema é a sala nova! Como a antiga estava muito perto das salas de estudo e perturbava os estudantes da Telescola, foi adaptada a do pequenino prédio que em tempos era dos teares.

A nova sala está quase pronta. E temos nela um bar para qualquer coisa que possamos saborear. Por agora ainda está despido. E temos necessidade de tudo quanto é preciso. Que seiamos ouvidos pelos Cafés e pelas Fábricas de bolachas.

Não vou mais longe. A confiança permanece em nossos corações. Seremos atendidos com certeza.

xxx

Sempre que peço sou atendido! Por isso, agradeço aos Funcionários do Banco Pinto & Sotto Mayor, terem satisfeito o nosso pedido de bolas. Além de quatro delas vieram mais



O «Aspirina», da Casa do Gaiato de Lourenço Marques

vinte e dois pares de sapatilhas. E, também, um donativo de 350\$00.

Manuel Rosas

O nosso Posto de Telescola

Queridos leitores de «O Gaiato». Antes de mais, faço a minha apresentação. Chamo-me Américo Manuel dos Santos Carvalho Mendes e tenho 10 anos. Sou um neto da «Obra da Rua» e filho de Júlio Mendes, que todos conhecem. Assim como meu Pai nela se fez Homem, também gosto muito da Obra fundada por Pai Américo. Tanto, que frequento o seu Posto de Telescola. E é da Telescola que vou falar.

O Posto tem 25 alunos e 2 Monitoras.

Aproveito imenso dos métodos de ensino do Programa. As lições são dadas de maneira clara. E, por isso, lucrámos muito. Para as dificuldades, após as lições, há 2 Monitoras que nos esclarecem todas as dúvidas. E estou bastante contente com as duas. Ajudam-nos em tudo.

As lições atraem-me pela simpatia dos Professores e pela forma como são apresentadas. Quando tratam de qualquer assunto importante ou complicado para a nossa idade e inteligência passam filmes e gravuras que facilitam a sua compreensão.

As lições são assim tão vivas que às vezes me parece os Professores estarem em pessoa na minha frente. Esqueço o aparelho! E fixo a imagem como se fosse o Professor tal e qual numa sala do Liceu.

Gosto de todas as disciplinas. Embora, como é natural, tenha um gosto especial por algumas. Por exemplo: Ciências, História, Francês, Moral e Religião.

Admiro as Ciências da Natureza porque nelas aprendo maravilhas da Criação e uma parte dos seus fenómenos. Nesta disciplina vejo o Amor que Deus dedica aos homens.

Aprecio História porque fico a conhecer uma pequenina parte da vida da Humanidade desde a sua aparição sobre a Terra. Na História Patria, que é o forte da disciplina, interessa-me sobretudo a vida Portuguesa durante a Idade Média.

Gosto da Língua Francesa porque é bonita. E o Professor dá as lições de uma maneira que compreendo perfeitamente, mesmo falando sempre em Francês.

Tenho muito interesse pelas aulas de Moral e Religião porque preciso de conhecer as Verdades da Fé.

As Provas de Aproveitamento correram-me bem, graças a Deus. E também pelo meu trabalho e estudo, dentro e fora das aulas.

No momento em que escrevo para «O Gaiato» ainda não chegaram as notas de aproveitamento. Estou ansioso por elas! E meus Pais, também.

Por tudo isto me sinto feliz. E até por estar mais dois anos junto de meus Pais, o que é muito proveitoso para a minha formação. Recebo deles bons conselhos e bons exemplos, de que necessito.

Aproveito esta ocasião para agradecer muito à «Obra da Rua» a criação do Posto de Telescola, que tanto facilita a minha e a nossa instrução.

Por hoje, queridos leitores, é tudo. Despede-se de todos até à próxima.

Américo Manuel

Setúbal

Cont. da TERCEIRA página

x x x

rapazes construíram para abrigar os filhos que a rua dá. Que nos venham conhecer! Que nos venham amar! A porta do Lar está sempre aberta; só se fecha às 23,5 quando o «Charrua» chega das aulas! Há dias um casal do Porto que nos manda cem escudos para carne, veio ver. Ficou feliz e mandou-nos uma carta a incitar-nos que tirássemos fotografias e que as publicássemos para que os amigos dos arredores de Lisboa viessem até Setúbal buscar a felicidade que o encheu!

Logo que possa mandarei para o «Famoso» as imagens que me pede.

x x x

O Banco onde temos a nossa conta mandou-nos ontem um comunicado que me aqueceu a sério: — O nosso saldo acusava um saldo devedor de 25.879\$78. «O devedor» vinha riscado a vermelho. Valha-me Deus!

No dia do S.mo Nome de Jesus, houve eleições.

O Pisco, que é um homem, e foi um Chefe com letra grande, foi prá tropa. O Luís («Cara Linda») não estava com generosidade capaz de se dar mais um ano e apresentava a desculpa de ter já carregado com a cruz. Não havia outro remédio. Eleições.

Quatro candidatos: — O mesmo Luís, Laurindo, Marques e «Matateu». Venceu o Laurindo. Nas suas mãos e na sua consciência foi entregue a vida dos cento e quarenta que nós somos!...

No Lar houve também eleições. O «Charrua» tomava conta por continuação da sua subchefia de maior da comunidade. Era necessário confirmar a sua autoridade. Foi confirmada. Só quatro não votaram nele! «Charrua», com dezassete anos, tem-se revelado um rapaz cheio de virtudes e de maturidade.

Padre Acílio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE